

Corpos em movimentos: formas diversas de protestar e denunciar violências contra jovens no México¹

Lila Cristina Xavier Luz

Professora do Curso de Serviço Social/UFPI e do PPGS/UFPI
Coordenadora no Núcleo de Pesquisas sobre Crianças, Adolescentes e Jovens (NUPEC/UFPI)
lilaxavier@hotmail.com

Resumo: Baseado em uma pesquisa sobre juventudes e cultura urbana na cidade do México, o texto centra-se em reflexão sobre o desaparecimento forçado dos 43 estudantes da Escola Normal Ayotzinapa, como forma de violência contra jovens. A mostra de oficinas do Circo Volador: Centro de Arte y Cultura realizada em dezembro de 2015 serve como base para analisar uma forma particular de protestar e denunciar essa violência. Combinando observação participante, análise de imagens e entrevistas, a autora evidencia e explicita o conflito que aglutinou corpos jovens para festejar e celebrar o fim de um ciclo, mas também para realizar um ato político contra a morte de jovens, por meio de um espetáculo de dança Contemporânea no Circo Volador.

Palavras Chave: juventudes; corpos juvenis; violências contra jovens.

Abstract: Based on an investigation of youth and urban culture in Mexico City, the text focuses on the forced disappearance of the 43 students of the Ayotzinapa Normal School as a form of violence against young people. The workshop of Circo Volador: Centro de Arte y Cultura held in December 2015 serves as a basis for analyzing a particular way of protesting and denouncing this violence. Combining participant observation, analysis of images and interviews, the author highlights and explains the conflict that brought together young bodies to celebrate and celebrate the end of a cycle, but also to carry out a political act against the death of young people, through a spectacle of contemporary dance at the Circo Volador.

Keywords: youth; juvenile bodies; violence against young people.

¹ As reflexões aqui apresentadas fazem parte de pesquisa intitulada: “Organizações de Cultura Viva na América Latina e a intervenção junto às juventudes”, desenvolvida durante estágio pós-doutoral na UNAM-Universidade Nacional Autônoma do México, entre setembro de 2014 a fevereiro de 2016. O estágio foi realizado com bolsa da CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior.

Considerações iniciais

A relação entre juventude e violência, colocando os jovens como sujeitos violentos, é tão difundida no imaginário social que muitas vezes a violência que acomete jovens - em especial os de camada popular - é pouco questionada. Estudos² sobre a realidade juvenil na América Latina, por exemplo, evidenciam que nos últimos anos cresceu substancialmente a violência contra jovens.

De variadas e diferentes formas: exclusão desses jovens dos processos de desenvolvimento e de seus resultados; criminalização de seus modos de viver e pensar; desemprego e uma violência que os tiram de circulação, por meio de desaparecimento forçado. Por essas e outras razões, escrever sobre juventudes sempre resulta um exercício importante, pois possibilita uma maior compreensão acerca dos modos de vida dessa faixa etária.

Este texto trata sobre uma dessas formas de violência: o desaparecimento forçado de 43 estudantes da Escola Normal Rural de Ayotzinapa,³ ocorrido no Estado de Guerrero, no México, em setembro de 2014. Os desaparecidos, afirma Lorusso (2015) “[...] não significa simplesmente desaparecido ou indisponível: significa que o Estado está envolvido, mesmo que a autoridade dificilmente admita suas responsabilidades e os denominam 'pessoas não localizadas'”. (p. 19). [tradução nossa].⁴ E acrescenta “os desaparecidos não podem ser declarados oficialmente mortos, mas de fato, não existem mais. Ficam apenas na memória.” (p. 19). [tradução nossa].⁵ O objetivo deste artigo é discutir tanto quanto possível, estratégias artísticas acionadas para protestar e denunciar essa violência contra jovens, durante uma Mostra de “Talleres”⁶ do Circo Volador – Centro de Arte y Cultura, ocorrida no período de 8 a 10 de dezembro de 2015, na Cidade do México.

O Circo Volador é uma Organização Social Civil, sem fins lucrativos, imbricada no espaço de um antigo cinema, localizado na zona central da Cidade do México-DF. Instalado nesse espaço no final dos anos de 1990, a partir de uma ocupação ao prédio que figurava abandonado há bastante tempo. O Circo Volador desenvolve um trabalho de *criação cultural*,⁷ visto que os objetivos focados às ações estão voltados à construção de novas expressividades subjetivas, tendo como referência diferentes dimensões da cultura juvenil, em que os próprios jovens são partícipes. Por certo, o Circo Volador é um espaço de Culturas Vivas, entendida como formas diversas, complexas e simples de criação e expressão em todas as dimensões possíveis de subjetividades. Cultura concebida como:

(...) universo simbólico compartilhado por um grupo ou por todo um povo, que dá significado às palavras e às coisas, construindo o sentido da experiência de vida do homem na relação com o seu ambiente. Um universo, portanto, de que fazem parte modos de dizer e de pensar, de fazer e de sentir, de julgar e de agir, valores, emoções, sentimentos, ideias,

2 Ver PNUD (2014) e Mapa da Violência (2014).

3 Daqui para frente, sempre que fizermos referência a esse fato, utilizaremos apenas 43 estudantes de Ayotzinapa.

4 “[...] non significa semplicemente scomparso o irreperibile: significa che c'è di mezzo lo stato, anche se l'autorità raramente ammette le sue responsabilità e li chiama “persone non localizzate”. (p. 19).

5 “[...] i desaparecidos non possono essere dichiarati ufficialmente morti, ma, di fatto, non esistono più. Restano solo nella memoria”. (p. 19).

6 Palavra que significa em português: Oficinas. Daqui para frente usaremos a palavra oficina quando estivermos nos referindo aos “Talleres”.

7 Reconhecemos a importância e diversidade de reflexão sobre produção cultural, sobretudo no sentido de compreendê-la como diferente de *criação cultural*. Todavia, não vamos tratar dessa distinção. Para uma melhor compreensão sobre o assunto ver: Carvalho (2013); Benhamou (2007), dentre outros.

ideais e normas de conduta, em relação à natureza, aos homens e aos homens e aos deuses, espíritos e outros entes sobrenaturais do além-mundo. (MONTES, 2013, p. 178).

Culturas Vivas, pois cultura social. Por conseguinte, armada, realizada e compartilhada em qualquer espaço, como matéria viva de *construção social*, posto ser dessa inseparável. Da mesma forma que Vilutis (2009, p.13), ao estudar os pontos de cultura, interessa-se pela “[...] essência coletiva [da criação cultural], o contexto social de sua organização e as relações de sociabilidade estabelecidas em seu processo criativo.”, também nos interessamos pelo espaço do Circo Volador, por entendermos ser esse um espaço de recriação, compartilhamento de Culturas Vivas a exemplo dos pontos de cultura no Brasil.

No sentido em que a autora coloca, trata-se de compreender a:

(...) cultura enquanto trabalho criador, como responsabilidade grupal, e cuja intencionalidade articula a fruição das expressões artísticas ao **contexto social e político** das manifestações culturais difere-se das atividades de lazer marcadas pela diversão, pela fruição do tempo livre, pelo caráter pessoal, mais liberatório de obrigações. (VILUTIS, p. 13). [Grifo nosso].

Como também destaca a autora, a questão central aqui não é desconsiderar a relevância social e simbólica das práticas de lazer, de suas práticas lúdicas, da dimensão que envolve comportamentos ativos e do seu papel na construção simbólica do imaginário. É importante explicitar que o lazer é um tempo de articulação entre relações de sociabilidades, de criação e vivência cultural.

No Circo, esses espaços de fruição cultural figuram ações que articulam “expressões artísticas ao contexto social e político”, a exemplo daquelas que expressaram, por meio do espetáculo de dança contemporânea, a violência que resultou no desaparecimento forçado dos 43 estudantes de Ayotzinapa. Embora já estivessem transcorridos quase dois anos⁸ do mencionado desaparecimento, a “cena” realizada no espetáculo pôde ser compreendida como agitação corporal para denunciar o medo que carregam corpos jovens mexicanos frente à possibilidade de desaparecimento forçado, frente às recorrentes experiências vivenciadas e as consequentes histórias de falta de punição dos autores dos mesmos.⁹

Naquele espetáculo o corpo jovem foi território de expressão de uma narrativa sobre a morte encarnando o que há de mais contraditório na representação do “ser jovem” como aquele momento do ciclo de vida considerado o tempo privilegiado da *moratória vital*.¹⁰ Um período “

8 Em 26 de setembro de 2018 completaram quatro anos do desaparecimento dos estudantes e mais uma vez familiares dos desaparecidos, organizações estudantis e instituições de direitos humanos se mobilizam para exigir justiça e verdade para o caso, em um contexto de incremento da violência no país. Importa salientar que até hoje ninguém foi punido.

9 Desde o início do século XX o povo mexicano convive com assassinato de civis, porém o de Tlatelolco, ocorrido dia dois de outubro de 1968, guarda semelhança com o de Iguala. Os 43 estudantes da Escola Normal Rural de Ayotzinapa, localizada em Iguala, desapareceram durante a noite de 26 de setembro de 2014, enquanto arrecadavam dinheiro para participar de uma comemoração do massacre de Tlatelolco na Cidade do México. O massacre de Tlatelolco ocorreu dez dias antes da Cidade do México se tornar a sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 1968. Os estudantes que protestaram vinham se reunindo em números cada vez maiores para exigir mudanças políticas. Ambos massacres tiveram envolvimento de forças de ordem do Estado, atingiram a estudantes que protestavam. Por fim, essas duas tragédias são lembranças difíceis do sentimento de impunidade que prevalece no México. Tlatelolco e Iguala nunca tiveram seus responsáveis julgados perante os tribunais.

10 Sobre moratória vital ver Margulis y Urresti, 2003.

para uma 'transgressão tolerada,' associando-o a um certo hedonismo autorizado" (EUGENIO, 2006, 158). Mas, principalmente, um período marcado por uma expectativa de distanciamento da morte, em razão da "posesión de un excedente temporal, de un crédito o de un plus, como si se tratara de algo que se tiene ahorrado, algo que se tiene de más y del que puede disponerse" (MARGULIS y URRESTI, 2003, p. 4).¹¹ Ao contrário, as imagens e as mensagens aludidas por aqueles sujeitos, no espetáculo, exprimiram estética irrequieta, colorida e luminosa, apontando para relação diferente com o corpo e com a morte nessa fase do ciclo de vida, a juventude! O que nos possibilita afirmar tratar-se de uma contestação crítica sobre o encurtamento da *moratória vital* de jovens mexicanos, ocorrida em uma festa para celebrar a conclusão do semestre de atividades.

Segundo Di Nola *apud* Portelli (2011), as festas correspondem a "um período de intensificação da vida coletiva" durante o qual "o grupo renuncia a sua atividade normal, produtiva e útil" para reconstituir sua "segurança de ser" – o sentido da existência de alguém como um grupo. Essa definição parece apropriada para compreendermos como jovens mexicanos foram se envolvendo em diferentes eventos de exposição fotográficas, manifestações, performance teatral nas ruas, espetáculos de danças, instalações públicas, dentre outros para protestar contra o massacre de seus pares no país. Esses eventos podem ser analisados como uma festa, ou seja, um momento de suspensão da atividade ordinária para refletir sobre o significado de estar junto protestando contra a violência que afeta jovens, em particular os 43 estudantes de Ayotzinapa. Porém, também figura como um momento de conflito; a morte é objeto de unificação de corpos jovens em torno da organização dos mesmos, os eventos. A própria ideia da morte como signo de festa, lugar de festejo e celebração, sendo invadida pela ideia de protestar e denunciar.

Nas páginas seguintes explicitaremos como esse conflito aglutinou corpos jovens para festear e celebrar o fim de um ciclo, mas também para protestar e denunciar a morte de jovens, por meio de um espetáculo de dança contemporânea do Circo.

A mostra de oficinas: festa e denúncia da violência contra os 43 estudantes de Ayotzinapa

Naqueles dois primeiros anos que se seguiram ao massacre dos 43 estudantes de Ayotzinapa, corpos jovens lançaram-se pelas ruas mundo afora para protestar contra a morte de seus pares, inclusive correndo o risco de serem também mortos, por ameaçarem a "ordem urbana".

Em todo o México, em especial na capital, também ocorreram protestos. Em diferentes espaços o tema da violência foi objeto de manifestações de diversas naturezas. Porém, na Mostra de oficinas ocorrida no Circo Volador, havia estéticas, mensagens e linguagens materializadas, particularmente no espetáculo de dança contemporânea, que expressou forçada excitação daqueles corpos jovens, que evidenciaram uma forma particular de protestar e denunciar a violência contra seus pares.

As diversas mensagens que os corpos das/dos jovens expressaram não coincidem com a celebração da morte presente na cultura mexicana. Observa-se que a celebração da morte enquanto cultura distingue-se dessa celebração como atividade de conclusão do trabalho de final de semestre da oficina de dança contemporânea do Circo Volador, pois a festa dos mortos

11 (...) possuem de um excedente temporal, de um crédito ou de um plus, como se tratasse de algo que se tem que atualizar, algo que se tem demais e de que pode dispor-se (...)" . *Idem*, p. 4.

além de fazer parte do calendário festivo da cultura popular do México, é celebrada de forma especial e única, na medida em que mescla sagrado e profano, medo e ironia, por meio do sincretismo religioso, misturando tradições religiosas cristãs e dos povos originários daquela região do continente latino americano.

Na “Festa de la Muerte” a representação da morte é vivida com muita alegria, muitas flores coloridas, comidas típicas, vestimentas ritualizadas, bebidas alcoólicas, danças, rezas e decorações/alegorias típicas, como as famosas caveiras, símbolos tão conhecidos dessas festa. No período de 31 de outubro a 2 de novembro, intensifica-se a celebração da morte em diversos espaços das cidades mexicanas, sejam eles privados – casas, apartamentos, sítios, – sejam eles públicos – praças, escolas, universidades, museus. Esses espaços são adornados de altares, enfeitados de caveiras, flores, doces, pratos com comidas e retratos de pessoas queridas que já se foram. A celebração da morte, em geral, é marcada pelas lembranças, afetividades, alegrias, tristezas. Porém, um sentimento de “alívio” marca esses rituais festivos: a certeza de terem enterrado seus mortos.

Naqueles três dias do mês de dezembro de 2016, a festa de comemoração de fim de um ciclo de atividades tomou conta da sede do Circo Volador por meio de exposições de trabalhos de jovens que ali apresentaram suas criações aperfeiçoadas nas oficinas frequentadas no decorrer do ano. Em todos os trabalhos identificamos a capacidade de os jovens evidenciarem por meio da arte informações e conteúdo da realidade em que vivem. Todavia, na mostra fotográfica e no espetáculo de dança contemporânea identificamos de forma contundente “(...) uma tipología performática que mostra um especial interesse pelo corpo dentro da experiência, (...)”¹² (PRADA, 2012, p. 14). Corpos jovens dentro da experiência pois são eles mesmos que viveram e vivem as diferentes formas de violências, em especial o desaparecimento forçado. Por isso, as estratégias de ensaio que coloca o tema como conteúdo da realidade; a escrita nos corpos fazendo referência à quantidade de jovens mortos; o envolvimento do público com o espetáculo, são formas de prática e interação que conduzem ao contexto social em que vivem.

A mostra fotográfica não tinha um título específico, mas foi construída a partir de orientação que direcionava os participantes a retratarem problemáticas cotidianas relacionadas a seus territórios de morada e, por essa razão, as narrativas plásticas fotográficas sobre a cidade e seus problemas, centralizaram o foco das lentes daqueles jovens fotógrafos. Essas narrativas plásticas conformaram um discurso sobre a cidade que nos permitiu identificar os lugares por onde os corpos juvenis transitavam e suas experiências na cidade, como por exemplo: as ruas por onde circulavam, os transportes que usam, as interações com as pessoas e as angústias frente à violência contra seus pares na cidade e, por conseguinte, no país. Da mesma forma, no espetáculo de dança contemporânea também estavam presentes as subjetividades daqueles jovens que, orientados pelo instrutor Erick Tepal, produziram aquele espetáculo, cuja centralidade do discurso narrativo versou sobre a violência contra os corpos de jovens, em especial o desaparecimento dos 43 estudantes de Ayotzinapa. Essas narrativas dialogavam sobre acontecimentos violentos, com o propósito de denunciá-los, mas ao mesmo tempo revelam como jovens que frequentam esse espaço usam seus corpos para se insurgirem contra a violência a eles dirigida.

Porém, só entendemos o que foi essa mostra quando analisamos melhor o espaço do Circo como espaço não convencional de fazer cultura que permite encontro de *passado* (a antiga sala de cinema), *presente* (espaço de cultura juvenil) e *futuro* (atividade como aquela mostra que expressa luta por novas gerações de adultos).

12 “(...) una tipología performativa que muestra un especial interés por el cuerpo dentro de la experiencia, (...)”

Por conseguinte, um espaço que reconhece e valoriza a diversidade juvenil, já que por lá o trânsito de jovens não convencional, seja trabalhando e/ou participando das atividades, é uma realidade cotidiana e revela um dos sentidos que invade aquele espaço: um lugar de/para sociabilidades juvenis. Sociabilidades construídas com a presença de grupos alternativos de expressão artístico/cultural, como *punks* e *darks*, metaleros, *rockeros* e capoeiristas. Essa presença jovem possibilitou entender serem os mesmos uma espécie de motor da Organização e sentido de sua existência. Essa é uma das razões pelas quais percebemos apenas entrando no Circo: uma atmosfera diferente! Como muitos espaços em que predomina a circulação livre de corpos juvenis, ali existe uma retroalimentação constante entre a realização juvenil e a realização de atividades. Em primeiro lugar, acreditamos ser isso resultado do respeito e da valorização àquilo que é considerado símbolo de cultura juvenil presente, em geral, nesses grupos: forma de vestir; uso do sentido artístico e poético do *graffite*; uso dos cabelos – enfeitados, tingidos, (des)cortados – como adorno dos corpos; linguagem oral centrada no que comumente denominamos de gíria, dentre outros. Esse reconhecimento potencializa a realização desses corpos juvenis, mas também a realização de atividades como a mostra de oficinas, e aqui reside o que entendemos significar para esses mesmos corpos juvenis, a realização dessa atividade: colocar-se de modo intenso por meio de narrativas oral, visual e gestual, isto é, de “corpo inteiro”, ou de corpo e alma, conforme o dito popular brasileiro. Como afirma Prada (2012, p.32) o corpo:

(...) para além de sua realidade física e real, é uma construção histórica, simbólica e, portanto alterável, que se transforma segundo os parâmetros sócio-culturais, ideológicos e estéticos de cada época. Neste sentido, o corpo se apresenta como um campo de representação, de transformação e invenção dentro das diferentes manifestações culturais e artísticas.¹³

Por isso, entendemos ser o corpo um extrato material, pleno de subjetividades conscientes e solidárias que condensa a relação “corpo” e “intelecto”, capaz de intervir, de subverter para ressignificar vínculos e também realidades, conforme nos faz entender Bifo (2014). De certa forma, esse é um dos sentidos expressos no envolvimento dos jovens com as atividades do Circo, em especial, com a mostra aqui refletida. Isto é, um envolvimento que ultrapassa a simples preocupação com aprender uma habilidade, no sentido de fazer alguma coisa para futuramente ganhar a sobrevivência. Os jovens são, por assim dizer, a expressão viva da Cultura Viva desenvolvida no e pelo Circo Volador. A mostra de oficinas revelou isso muito bem, conforme as imagens a seguir demonstram.

Corpos em mostra: representação e denúncia juvenis

A programação foi mais extensa e intensa: três dias de muita movimentação de jovens num vai e vem para arrumar e fazer acontecer a mostra. No primeiro dia, conta da programação à realização da montagem do evento que consistiu na organização das exposições de fotografia e Alebrijer,¹⁴ na primeira sala. Na segunda sala ficaram as exposições de: pintura, desenho, escultura em pedra e metal, modelagem em plástico, reciclagem em borracha e serigrafia. No segundo dia aconteceram os concertos de música (guitarra, violino e bateria), teatro e oficina de elaboração de cerveja caseira. No terceiro dia, na sala onde tinha lugar a plateia cinematográfica,

13 “El cuerpo, más allá de su realidad física y real, es una construcción histórica, simbólica y por tanto alterable, que se transforma según los parámetros socio-culturales, ideológicos y estéticos de cada época. En este sentido, el cuerpo se presenta como un campo de representación, de transformación y de invención dentro de las diferentes manifestaciones culturales y artísticas.” (p. 32).

14 Os alebrijeres são ícones da escultura popular mexicana bastante comuns no estado de Oaxaca. Pintados em matizes de cores intensas, eles representam animais que figuram ambiguidades em suas formas, que ora podem lembrar seres do mundo natural ora evocam criaturas fantásticas.

os familiares tomaram assento para assistir as apresentações de dança aérea, capoeira, artes marciais livres, dança contemporânea e apresentação do cardápio para degustação de cerveja.

A mostra ocupou todos os espaços do antigo cinema, da sala grande onde por costume as pessoas ficam enquanto a sessão não começa, até o palco onde fica uma enorme tela para exibição dos filmes. Mas naqueles três dias teve lugar no palco as apresentações musicais, de expressão corporal e de danças das mais diversas formas. Todos esses lugares são revestidos de uma plástica especial: os *grafitties*, as fotografias e desenhos de jovens que passaram pelas oficinas. Esses registros destacam a presença jovem no ambiente, mas também valorizam as criações juvenis, visto que muitas das figuras estampadas nas paredes são de autoria de jovens.

Em todos esses dias e em todas as atividades os corpos juvenis circulavam de modo intenso e por inteiro para falar de realidades profundamente entrelaçadas com seus modos de vida e, em especial, da violência. A propósito desse tema, na abertura da mostra, o desaparecimento dos 43 estudantes foi anunciado como uma tristeza, como um “colapso”, um “golpe” contra as juventudes do país. Esse anúncio despertou a atenção de uma centena de pessoas que tomaram assento às cadeiras do antigo cine; pais, irmãos e parentes dos artistas que pareciam apreensivos e curiosos para saber como aquele tema seria explorado. Ao mesmo tempo era um tema que suscitava muita inquietação, pois até então membros de familiares procuravam por seus jovens e exigiam justiça das autoridades que os fizeram desaparecer. Com o mesmo desejo de encontrar seus entes, angustiados, “invadiam” as mídias para denunciar a morosidade nas investigações.

Angústia, inquietação e curiosidade foram emoções que possibilitaram uma maior interação entre público e espectador; atenção redobrada, olhares cautelosos e palmas entoadas nos momentos de ápice das manobras corporais que expressavam referências aos 43 estudantes.

O espetáculo era vivido com interesse por quem representava e por quem o assistia. As imagens fotográficas a seguir capturaram uma dimensão de alguns movimentos de como os jovens expressaram suas emoções para denunciar a dor que aquelas famílias não queriam sofrer.



FIGURA 1: Jovem dançarina, sexo feminino. Foto: Israel E. Bello. Cidade do México, 10.12.2015

No corpo dessa jovem está inscrita em forma de denúncia a principal representação daquela violência, a quantidade de jovens que o estado fizera desaparecer: 43! Trata-se do corpo jovem de uma estudante da oficina de dança contemporânea. Um corpo leve pela estrutura plástica evidenciada, porém pesado pela quantidade de jovens mortos que registra e denuncia, com o 43 que estampa no corpo. No espetáculo quase não houve fala, mas os gestos corporais, iluminados por cores fortes presente na “Festa de la Muerte”, em especial o vermelho e o roxo, deram conta de revelar o luto e a tristeza daqueles jovens sobre a violência contra seus pares. Partilhar o horror que fora aquela violência, mesmo que alimentado pelo medo, tornou-se uma das principais ações do povo mexicano nos primeiros anos que sucederam o desaparecimento daqueles jovens.

Na imagem abaixo, no palco, foi registrada a ausência da estética corporal silenciosa e em seu lugar outro símbolo da Festa dos Mortos, as velas, tomou lugar no espetáculo, para escrever mais uma vez a quantidade de jovens desaparecidos. Essa imagem simboliza o luto pela morte violenta desses jovens, mas também a luz frente à luta e à solidariedade que outros jovens demonstraram durante o espetáculo, e em manifestações realizadas em todas as cidades do México, pedindo não somente o aparecimento com vida dos desaparecidos, mas também justiça. Nessa luta, uma consigna predominou: “¡Vivos se los llevaron, vivos los queremos!”. Em coro, os espectadores no Circo também entoaram essa frase.

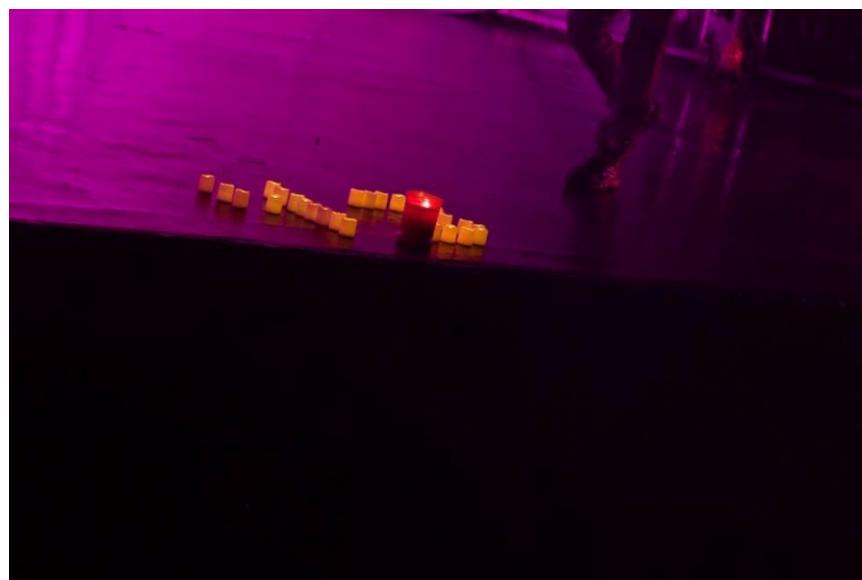


FIGURA 2: Imagem do número 43. Foto: Israel E. Bello. Cidade do México, 10.12.2015

A propósito de pedir justiça, “Justiça! Justiça! Justiça!” foi uma palavra gritada em coro, tecido por várias vozes ali. Também foram declinados em coro os números de um a quarenta e três. Esse gesto de declinar vagarosamente todos os números foram acompanhados por Enrique Á. Silva, responsável por facilitar a oficina de fotografia. Não nos foi possível apresentar todas as fotos dos jovens que subiram ao palco representando um dos números, mas apenas a foto em que pode ser identificado esse corpo performando, com toda sua força, o número 2.



FIGURA 3: Jovem dançarina, sexo feminino. Foto: Enrique Á. Silva. Cidade do México, 10.12.2015

Entre os jovens do México, na Cidade do México e, em particular, também entre aqueles que participaram da Mostra, reproduzir imagens expressando gestos que comunicam a realidade sobre esse acontecimento de violência, tem sido uma forma de manter viva essa memória, mas também divulgar para o mundo o horror que tem sido a violência contra os jovens no país. Desta forma, como lembra Campos (2011, p.2) “(...) as imagens visuais tornam-se extensões físicas e simbólicas através das quais o mundo quotidiano dos jovens na metrópole é entendido e encenado”.

No contexto da encenação os jovens, além de usarem seus corpos, manusearam instrumentos para comunicar sobre a crueldade que esse ato representa contra corpos jovens. A imagem abaixo, capturada em uma das cenas do espetáculo, anuncia o esforço de utilizar a atividade de dança contemporânea para expressar que aqueles 43 corpos podem ter sido jogados em uma vala comum e aterrados com uma pá. Obviamente qualquer outro instrumento pode ter enterrado aqueles 43 corpos, já que até aquele momento não se sabia nada sobre seus destinos, mas o recurso à pá denota a percepção que aquele espetáculo queria transmitir sobre como acreditavam terem sido tratados os corpos.



FIGURA 4: Jovens dançarinos, sexo masculino. Foto: Enrique Á. Silva. Cidade do México, 10.12.2015

Na cena que a imagem acima capturou, os corpos se jogam e praticamente voam. Da mesma forma, as pás instrumentos utilizados para cavar, foram jogadas de um lado para o outro e de cima para baixo durante a cena, simbolizando os jogar dos corpos nunca encontrados. Tudo isso, segundo nosso olhar, para expressar mais uma vez como são tratados os jovens e seus corpos nesse país. Também comunicam a falta de justiça e a incompetência da mesma, frente a indecisão sobre o destino do caso.

Por fim, abaixo apresentamos as duas últimas imagens. Nossa intenção com a escolha delas foi expressar, minimamente, a capacidade de esses mesmos jovens de fazer Cultura Viva como mediadores de seus próprios corpos. Nesse sentido, a sensibilidade do fotógrafo também conta: ângulo escolhido, movimento apreendido e tom da luz, são alguns elementos que mais aproximam do real a imagem capturada.

Essa primeira imagem, por exemplo, foi capturada no momento em que dois corpos estavam no palco tratando sobre a separação de corpos: um humano e outro animal. Essa cena pode ser interpretada de infinitas maneiras, tendo como referência recursos de várias disciplinas do conhecimento: semiótica, arte do corpo, comunicação e literatura, sociologia e até mesmo serviço social, minha área de formação. Deste modo, conhecimentos fundamentados a partir dos recursos disponíveis nessas disciplinas, poderiam possibilitar assertivas de que essa imagem expressa e pode significar: retribuição de paz frente à violência recebida; que os corpos desaparecidos estão em outra dimensão; pedido de paz e etc.

Outro modo de saber o que grupo intencionava comunicar sobre o fato era conversando e perguntando para os próprios jovens, para o criador, roteirista e iluminador do espetáculo. Com certeza, outros elementos, com novos subsídios serviriam de argumentos para outras afirmativas. As Culturas Vivas são assim: um campo de possibilidades de vivência, ação e interpretações! Assim, tendo por referências nossas possibilidades interpretativas, fornecida por nossas vivências, essa imagem simboliza uma separação brusca e violenta de corpos. Nesse sentido, do que foi possível observar durante a realização da cena, sentimento não de todo expresso pela imagem, mas possível de entender no decorrer de sua expressão: aqui estamos diante de uma experiência performática de manifestação de um corpo que se recusa a ser objeto de violência.



FIGURA 5: Jovem dançarino, sexo feminino. Foto: Enrique Á. Silva. Cidade do México, 10.12.2015

A última imagem apresentada, evidencia sobre a realidade vivida que, do ponto de vista semântico, possibilita várias e diversas possibilidades interpretativas. Essa foi uma das últimas cenas do espetáculo. A posição dos corpos estirados pelo palco atribui certo significado ritualístico ao espetáculo como ato de exacerbação gestual e visual de uma performance teatral que denuncia a morte violenta como elemento do debate. Entre os silêncios e os aplausos calorosos que a plateia manifestava após cada cena terminada, podemos afirmar existir indícios de que ali se criou e manteve as redes de cooperação e solidariedade em relação àquele acontecimento, mas sobretudo, concordância em relação a denúncia ali expressa.



FIGURA 6: Jovens dançarinas, sexo feminino. Foto: Enrique Á. Silva. Cidade do México, 10.12.2015

Importa salientar que o desenrolar da cena foi acompanhado por um silêncio sepulcral e uma escuridão intensa. Em todas as cenas e fotos, o contexto apresenta códigos e sinais para comunicar a denúncia de uma violência obrigando-nos a reavaliar a ligação entre este tipo de comportamento e os tradicionais recursos usados pelos jovens (o corpo, a moda, o estilo visual, o consumo, etc.) para construírem significado e esboçarem fronteiras de distinção simbólica (GOMES, 2014). E acrescenta o autor, “Os vasos comunicantes virtuais [e aqui acrescentamos e gestuais] libertam estes jovens de uma série de constrangimentos associados à sua condição social e etária, mas, igualmente, aos contextos espacio-temporais onde estes se movem” (p. 8). Uma repulsa, uma denúncia e uma defesa para que uma geração inteira viva sua *moratória vital*, independente da condição social, mas livre de violência.

Terminou o espetáculo, mas os corpos continuam desaparecidos!

Durante a mostra foi possível entender uma intensa relação dos jovens com as atividades, isto é, como a construção da mesma. Uma jovem assim narrou sobre sua participação nas atividades do Circo: “Continuo fazendo o mesmo *taller*, é que todo dia tem coisa nova para aprender”. Sua referência foi à oficina de fotografia, porém a entrevista foi realizada após a abertura da Mostra. Com esse mesmo nível de satisfação sobre o que aprendeu e viu, outro jovem rapaz participante da mesma oficina revelou que não frequentara um curso na universidade sobre o conteúdo da oficina, porque iam ensinar o que ele já sabe. Nessa afirmativa não identificamos desprezo pelo saber acadêmico, mas um reconhecimento de que as oficinas também cumprem essa dimensão, quando se trata de formação de habilidades práticas. As imagens dizem muito sobre a capacidade de os corpos juvenis falarem, gesticularem, para expressarem o que pensam, sentem e vivem quando, direta ou indiretamente, sofrem violência.

Porém, foram várias as interações possibilitadas pelo espetáculo, as quais estiveram mais diretamente inscritas no processo de contestação e denúncia sobre a violência contra jovens no México. Essas interações foram públicas e comportaram um contexto excepcionalmente lúdico, a dança, para tratar da violência. A atividade da dança no espetáculo foi vivida e valorizada como ato lúdico, ao mesmo tempo que se constituiu em um ato político coletivo.

Referências

- BENHAMOU, Françoise. *A economia da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- CAMPOS, Ricardo. A imagem digital como forma de comunicação e produção cultural juvenil na metrópole. *XI Congresso brasileiro de Ciências Sociais - Diversidades e (Des)igualdades*. Salvador, 2011. Disponível em:
file:///C:/Users/Liliene/Documents/P%C3%93S%20DOUTORADO/Juventude%20e%20cultural_itura_ARQUIVO_ComunicacaoCONLAB.pdf. Acesso em: 12/12/2014.
- CARVALHO, Produção cultural e redes de sociabilidade no currículo e no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*. Print version ISSN 1413-2478
- Estrategia del PNUD para la Juventud 2014-2017. *Juventud empoderada, futuro sostenible*. Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo One United Nations Plaza. Nueva York, NY, 10017 USA.
- GOMES, Rui Telmo. “O PESSOAL ESTÁ INTERESSADO NUMA TOUR”. Ritos de procrastinação das cenas musicais *underground*. *Sociologia, problemas e práticas*, n.º 76, 2014, pp. 51-68. DOI:10.7458/SPP2014763901
- JÚNIOR, Alves Pinto. A Dimensão Afetiva do Espaço Construído: venda a casa pelos olhos da poesia. *Revista da Pós* v.16 n.25. São Paulo, junho 2009, p. 118-133.
- LORUSSO, Fabrizio. *NarcoGuerra Cronache dal Messico dei cartelli della droga*. Editora Odoya SRL, Bologna, 2015.

- PORTELLI, Alessandro. La festa, la costituzione e la rivolta. *Jornal Il manifesto*, 22.8.2011
- PRADA, Raquel Pastor. *Artes plásticas y danza: propuesta para una didáctica interdisciplinar*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, 2012.
- VILUTIS, Luana. *Cultura e juventude: a formação dos jovens nos Pontos de Cultura*. 2009. 202 p. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- VILLASENOR, R.L. & CONCONE, M.H.V.B. A celebração da Morte no imaginário popular mexicano. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(4), “Finitude/Morte & Velhice”, Agosto 2012, pp.37-47. São Paulo (SP), FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência; os jovens do Brasil*. FLACSO-Brasil, Rio de Janeiro, 2014. FARIA, Hamilton et al. *Cultura Viva, políticas públicas e cultura de paz*. São Paulo: Instituto Pólis, 2013.